



68 e depois: Uma cartografia dos filmes “Morrer aos 30 Anos” e “O Fundo do Ar é Vermelho”

68 and After: A Cartography of the Films “Half a Life “ and “A Grin Without a Cat”

Maíra Ramirez Nobre

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
mairaramirez@gmail.com

Natacha Silva Araújo Rena

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
natacharena@gmail.com

Danilo Caporalli Barbosa

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
danilocaporalli@gmail.com

Resumo: A importância de Maio de 1968 para a história contemporânea mundial é inegável. Sua representatividade é tão grande que, mesmo passados mais de cinquenta anos, há intelectuais e artistas que o debatem expondo suas muitas controvérsias. Foi o caso da *Mostra 68 e depois*, que trouxe várias visões sobre o ocorrido por meio de longas e curtas metragem. Dentre elas optou-se construir este artigo por meio de um diálogo entre os filmes *O fundo do ar é vermelho*, de Chris Marker e *Morrer aos trintas anos*, de Romain Goupil, atravessado pela visão de Julia Fagioli, em sua tese de doutorado *Por que as imagens se põem a tremer? Militância e montagem em O fundo do ar é vermelho*, de Chris Marker e de Alain Badiou exposta no livro *A hipótese comunista*. Como recorte específico busca-se o embate entre a velha representada principalmente pelo Partido Comunista e a nova esquerda, que teve naquele evento de 68 em Paris, o marco específico para seu surgimento, deixando rastros e sementes que ainda repetem, diferente, de maneira efervescente em grande parte do mundo, inclusive o Brasil de Junho de 2013.

Palavras-Chave: Maio de 68; esquerda clássica; nova esquerda; cartografia.

Abstract: The importance of the cultural and political events of May 1968 in Paris for contemporary world history is undeniable. Its representativity is so great that, even after more than fifty years, intellectuals and artists still debate it exposing its many controversies. It was the case of the event “Mostra 68 e Depois” (Exhibition 68 and after), that brought together, in Belo Horizonte, Brazil, several perspectives on the historical readings of the May 68 cultural and political events by means of long and short films. Among these films this paper chooses *A Grin without a cat*, by Chris Marker, and *Half a Life*, by Romain Goupil, and attempts to bring them together in a critical analysis based on the study Julia Fagioli puts forward in her doctorate thesis *Why the images start shaking? Militancy and assembly in A grin without a cat, by Chris Marker*, and Alain Badiou’s view in *The Communist Hypothesis*. Specifically, this paper deals with the clash between the old left, represented mainly by the Communist Party, and the new left, which emerged in the multiplicity of political events of 68 in Paris, leaving marks that still today resonates profoundly and in different ways in much of the world, including Brazil in June 2013.

Keywords: *May of 68; classic left-wing; new left; cartography.*

1 Introdução

Este artigo é uma espécie de continuação do texto recém escrito por nós denominado “Das revluções aos levantes” que foi publicado em 2018, em *Arq.urb*. O artigo propunha discutir os conceitos de revoltas, levantes, insurgências e revoluções, tendo Maio de 1968 na França como principal evento insurgente a ser analisado dentro de um conjunto de manifestações desde a Revolução Francesa:

(...) existem diferentes formas de manifestar-se nomeadas por diversos autores (DIDI-HUBERMAN, 2016; FOUCAULT, 1994; ARENDT, 2001; BENJAMIN, 2006; FLORESTAN FERNANDES, 2000; BADIOU, 2012; HOBBSAWM, 1995; CANDIOTTO, 2013). Das revoluções aos levantes, por exemplo, há claras diferenças em relação à organização interna, objetivo e atuação. Até mesmo dentro de cada um dos conceitos, é possível observar leituras distintas quando analisadas as perspectivas de escrita de cada pensador. (NOBRE; RENA, 2018, p. 41).

Diferente do que perseguíamos no texto supracitado escrito à época da organização da *Mostra 68 e depois* realizada em Belo Horizonte

em 2018, aqui o debate acontece com objetivo investigar o levante francês de forma transversal rastreando diferentes formações de grupos, pautas e narrativas presentes como pistas nos filmes *Morrer aos 30 anos*, de Romain Goupil e *O Fundo do Ar é Vermelho* de Chris Marker, ambos expostos na *Mostra 68 e depois*. Os dois filmes apresentam múltiplos rastros e pistas no seio do próprio movimento de 68 que colaboram no entendimento ampliado das conformidades e contradições presentes no levante francês. Para tanto, entende-se necessária uma apresentação sucinta dos filmes, seguida de uma aproximação histórica com o contexto. Esta aproximação se dará, principalmente, via o texto *A hipótese comunista* de Alain Badiou (2012), que anuncia a existência de quatro Maios de 68 (o estudantil; o operário; o libertário; o que não terminou em 1968), entreposto a imagens e narrativas provenientes dos dois filmes-documentários. O texto da tese de doutorado da pesquisadora brasileira Júlia Fagioli (2017) – *Por que as imagens se põem a tremer? Militância e montagem em O fundo do ar é vermelho, de Chris Marker* – também foi exaustivamente utilizado neste artigo, já que se mostrou fundamental, não só para uma compreensão geral do evento, mas também para a análise da produção de Marker.¹

É importante ressaltar que, para além da análise textual proposta, o presente artigo traz montagens de cenas dos filmes também como exercício de investigação. Mais do que ilustrar os temas debatidos, as imagens-montagens assumem espaço de aproximação dos documentários e foram criadas a partir do agrupamento temático das cenas consideradas mais importantes para a abordagem.

Em termos de organização, o artigo é composto por esta “1 Introdução”, seguida de uma apresentação e breve análise dos dois filmes selecionados “2 Sobre os filmes”, incluindo o debate gerado pela tese de Fagioli (2017). A partir daí, será apresentada uma pequena contextualização do Maio de 1968, associada, principalmente, à um mergulho no texto de Badiou (2012) “3 Os Quatro Maios de 68: uma

¹ Outros autores que abordam os acontecidos em Maio de 68, ou temas importantes ao debate aqui estabelecido, surgem pontuando algumas passagens, como: Guy Debord, João Bernardo e o próprio cineasta João Moreira Salles, diretor do filme *No intenso agora*, filme que abriu a mostra de cinema 68 e depois e foi comentado e debatido em mesa formada pelo próprio diretor e por Juca Ferreira, ex-Ministro e atual secretário de Cultura de Belo Horizonte.

leitura de Badiou”. O item “4 Entre reforma e revolução, o 68 que não acabou” traz um debate sobre os conceitos de reforma e revolução, subsidiada por conflitos presentes desde as Internacionais até a atualidade. Por fim, “5 Considerações finais: entre maio de 68 em Paris e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil” trazendo questionamentos sobre a relação entre Maio de 68 e o novo ciclo de lutas global pós crise de 2008, incluindo, principalmente, as Jornadas de Junho de 2013.²

Maio de 1968 é visto como um dos levantes mais significativos do século XX, principalmente porque sua relevância extrapolou o contexto das resistências coletivas, alcançando, por um lado, a esfera do indivíduo (com pautas de temas muito íntimos como o da liberdade sexual) e, por outro, a da estrutura política (principalmente em relação à esquerda). Assim, apesar do decorrido passado e de certo desgaste dispensado sobre o tema, compreende-se a necessidade do desenvolvimento de tal análise, tendo em vista a relevância histórica do evento e sua relação com a atualidade devido aos desdobramentos e influências que gerou sobre a concepção política formal e militante. Observa-se uma possibilidade de, na retomada do passado, compreender-se melhor o presente. Exercício praticado por Marker quando, ao longo das versões de *O Fundo do ar é vermelho*, realizou um processo compreendido por Julia Fagioli (2017) como uma “historicização da política” ou “politização da história”, por meio do qual o mergulho proposto nos ocorridos de 1968 dizia também de uma necessidade do diretor compreender o momento histórico e político no qual se dava cada retomada. A semelhante desafio, tanto a *Mostra 68 e Depois*, quanto o presente texto se propõe.

2 Sobre os filmes

O lema [a revolução ou a morte] já não é a expressão lírica da consciência revoltada, é a última palavra do pensamento científico do nosso século. Isto tanto se aplica aos perigos da espécie como à impossibilidade de adesão, no tocante aos indivíduos. Nesta sociedade em que o suicídio progride como sabemos, os especialistas tiveram de reconhecer, com um certo despeito, que em Maio de 1968 ele diminuía quase para zero. Essa Primavera

² Este é o tema da dissertação de mestrado da primeira autora deste artigo, Maíra Ramirez Nobre, sob orientação da segunda autora Natacha Silva Araújo Rena.

alcançou também um belo céu, sem precisamente se ter lançado ao seu assalto, porque alguns carros se incendiaram e a todos os outros faltou gasolina para poluírem. (DEBORD, 2015).

Pouco antes de se matar, Guy Debord escreveu o texto acima em referência a Maio de 1968, associando ao movimento uma queda significativa dos casos de autoexterminio. Entretanto, seu suicídio em 1994, ainda que 26 anos após Maio, não foi o único dentre os militantes e ativistas que se envolveram neste processo.

Romain Goupil abre *Morrer aos trinta anos* afirmando para Anne Sylvie, Dominique e Pierre Louis que este poderia ser seu filme. Poderia ser a história de muitos que participaram do Maio de 1968, mas Goupil parte da trajetória de seu amigo Michel Recanati, que tirou a própria vida em 1981, para contar o ocorrido naquele período.

Ao longo do documentário Goupil traz inúmeras cenas de suicídio e morte, normalmente atreladas às experiências cinematográficas realizadas por ele e seus amigos Coyotte e Baptiste (FIGURA 1).

FIGURA 1 – As mortes em *Morrer aos trinta anos*.



Fonte: *Morrer aos trinta anos*, 1982. Organizado pelos autores.

Seguindo o mesmo caminho de *Morrer aos trinta anos*, diversos outros filmes que abordam a temática de Maio de 1968 têm a morte como elemento fundamental, como é o caso de *O fundo do ar é vermelho*, de Marker. Algo que vai do ano com menos suicídios na França, como apontado por Debord (2015), aos anos seguintes repletos de mortes autoprovocadas. Uma pergunta paira: para onde foi a potência de vida de 1968? Ou melhor: como lidar com o vazio que toma os corpos sublevados com o término da luta? O que fazer quando o levante acaba? Tais indagações trazem à lembrança que sempre há um dia depois da revolução e que este, como afirmou Lênin, é o pior dia.

João Moreira Salles (2017)³ ao falar sobre o filme *No intenso agora*, retoma a temática da melancolia que acompanha os corpos após o fim da utopia dos levantes e a vincula aos inúmeros suicídios que acompanharam aquela geração.

De acordo com André Brasil e Júlia Fagioli (2018), o luto e a luta são os dois motivos principais de *O fundo do ar é vermelho*. Na primeira cena do documentário, a bola vermelha vai diminuindo sobre a tela preta até dar origem ao “o” do *rouge*, enquanto o título vem se formando em um gesto gráfico ao mesmo tempo “simples e sofisticado”. É assim que Brasil e Fagioli (2018) enxergam esta cena, afirmando que “movimento, tão breve, da tipologia reencontra e enfatiza certo tom crepuscular que o título sugere: o crepúsculo que se lança sobre Maio de 1968, fazendo da luta simultaneamente uma experiência de luto (luto que se precisa elaborar para que a luta se renove)”. (BRASIL; FAGIOLI, 2018, p. 82).

A morte tem espaço especial na filmagem de Marker, mas torna-se ainda mais relevante no momento em que caveiras tomam a cena rememorando uma celebração mexicana do dia dos mortos em relação irônica com as Olimpíadas de 1968 (FIGURA 2). Aparentemente uma relação entre o massacre de Tlatelolco, ocorrido dez dias antes dos Jogos Olímpicos do México de 1968, e a situação política mundial daquele ano.

FIGURA 2 – Caveiras de Marker entre o dia dos mortos e os Jogos Olímpicos mexicanos. *O fundo do ar é vermelho*.



Fonte: *O fundo do ar é vermelho* (1998). Organizado pelos autores.

Após a última imagem da sequência de caveiras, quando uma delas aponta uma arma para a câmera, inicia-se uma sucessão de cenas

³ Em entrevista a Flávia Marreiro, jornalista do El País, logo após o lançamento do filme *No intenso agora*, no qual o diretor aborda questões relacionadas ao Maio de 1968. Na *Mostra 68 e depois*, após exibição do filme, o diretor comentou sua relação com Maio de 1968 e tornou a citar tais questões.

que varia entre os cassetetes policiais atacando manifestantes e a tocha Olímpica sendo erguida pelas mãos de uma atleta. Em narração, Marker anuncia “O maio de 68 mexicano, uma provocação que rapidamente causou 200 mortos, e os jogos começaram numa capital pacificada sem que uma única nação os boicotasse”.

Seja pelas caveiras, pelo funeral de Jan Palach (Praga – 1968), pelos momentos dedicados a morte de Che Guevara, pelo suicídio de Salvador Allende, pelo sumiço de vários militantes, ou por diversos outros instantes, “o luto atravessa – como espécie de sombra crepuscular – a história da revolução tal como retomada por Marker”. (BRASIL; FAGIOLI, 2018, p.95).

Para além da tristeza suicida pós-catártica que ocupa o espaço do que outrora era utopia e paixão, do descaso com a vida advindo da violência policial, ou até mesmo de mortes heróicas, os filmes aqui abordados tratam também de outro fim, ou melhor, de outra disputa entre vidas e mortes: a marcada pelo conservadorismo e pela liberdade que atingiu a fundo as esquerdas daquele período. Esta disputa/morte ou luta/luto está presente em quedas inexplicáveis de corpos na composição de Goupil e em alguns lobos machucados e outros de pé na cena de fechamento de Marker. A batalha se dá entre o que há de se manter erguido e aquilo que será silenciado e ocupa os terrenos mais íntimos da esquerda até a atualidade.

O que nos interessa aqui é rastrear em ambos os filmes como as múltiplas esquerdas em Paris de 68 deslizam entre pólos dicotômicos de disputa: reforma x revolução, conservadorismo x liberdade, velha esquerda x nova esquerda, esquerda clássica x esquerdismo. Nesse sentido, para que seja possível compreender as tensões políticas entre os movimentos de esquerda daquele período, seria preciso uma rápida apresentação das temáticas e conteúdos de cada uma das produções cinematográficas.

Foucault, como coloca o estudioso César Candiottto (2013), viu, neste final de século XX, o que pode ser entendido como fim dos processos de revolução. Ou pelo menos, o fim da forma como eram entendidos até então. Após o ocorrido em 1968, com destaque para o enfraquecimento do Partido Comunista e aproximação da luta estudantil do cotidiano, da liberdade e do autonomismo, o autor afirma que a nova fase de revoluções não ocorreria no âmbito

institucional, dentro dos partidos ou sindicatos, mas no domínio social, por meio do qual outras formas de convívio surgiriam. (NOBRE; RENA, 2018, p. 53).

Morrer aos Trinta Anos (Romain Goupil – 1982)

Há diferentes maneiras de narrar Maio de 1968, algumas sob a lógica foucaultiana da última revolução (NOBRE; RENA, 2018), outras que permeiam seu caráter festivo e libertário, ou até mesmo, aquelas que apostam em uma crítica dura por uma possível abertura ao neoliberalismo. Mas Goupil, apesar de tocar em todas, não escolheu nenhuma dessas entradas para sua primeira produção. O diretor de *Morrer aos trinta anos* optou por tratar dos ocorridos na França por meio de uma história de vida e morte, registrada por uma câmera Super 8 que ganhara de presente do pai, Pierre Goupin. Com ela foram filmadas manifestações e assembleias. As imagens, compiladas e organizadas sob uma perspectiva pessoal dotada de subjetividades deram origem ao documentário.

Desde a infância os Coyottes, grupo de amigos formado por Goupil, Coyotte e Baptiste, demonstraram admiração pelo cinema. O documentário começa a ser contado em 1964 e já neste momento, os meninos realizavam filmagens amadoras. Goupil era encarregado de filmar, enquanto os outros dois atuavam.

Goupil dedica o filme a seu amigo Michel Recanati. Companheiros de militância na Juventude Comunista Revolucionária (JCR) e na Liga Comunista, Recanati e Goupil lutaram lado a lado durante, não só os protestos de Maio de 1968, mas também em ações que se deram nos anos seguintes. A história destes dois amigos é contada por meio da relação entre os grupos de esquerda franceses entre 1966 e 1978.

Por meio de uma narrativa em primeira pessoa, sólida e de entoação pouco alterada, o documentário apresenta forte influência do que se entende por cinema militante. Neste sentido, pode-se considerar, inclusive, que a produção apresenta uma análise metalinguística. O cinema militante produzido por Goupil é tratado no filme por meio de um debate sobre sua própria relação com a sétima arte desde a adolescência. É possível observar que, em um primeiro momento, a produção de *Os Coyottes* é infantil e lúdica. Ao longo do filme a temática vai se modificando e, por fim, se torna totalmente política, contando com a

produção de Goupil e Recanati de *Da revolta a revolução*, um filme que conta a luta nos *liceus*.

Sob a figura específica de Recanati, há uma exposição dos conflitos presentes em Maio de 1968 tanto por disputas geracionais quanto ideológicas e que adentram elementos internos e externos da formação e atuação política dos grupos de esquerda. Tais dissonâncias são abordadas já de início quando Goupil traz diversas dualidades entre os posicionamentos dele e de seu pai, militante do Partido Comunista (PC), evidenciando a tensão entre a esquerda clássica e os esquerdistas desde aqueles tempos. Isso é retratado no filme em vários momentos, mas o debate se inicia quando Goupil, obrigado a distribuir os jornais do Partido Comunista, se sente incomodados com esta forma de ação. “Mas esta estratégia do comunismo porta a porta aos domingos de manhã levantava-me imensas questões sobre a forma como era gasta a minha sede de justiça social e meu ideal revolucionário”. (MORRER, 1982).

Dentro desta perspectiva em formação, há também uma aproximação da esquerda com questões artísticas, que funciona como mais uma tensão interna, um desvio das lutas violentas, um terceiro ponto de força. Esta aproximação se dá em termos de uma reformulação da vida expressa por uma arte libertária que atinge cinema e teatro e se associa fortemente aos ideais anarquistas e à revolução de costumes que assola os Estados Unidos e a Inglaterra principalmente. Tal pauta, ou melhor, tal formação de grupo presente em Maio de 68, é abordada primordialmente em dois momentos quando: (i) a narrativa traz o cinema amador produzido pelos estudantes; (ii) as manifestações seguiram em 1969 formadas, principalmente, por artistas e com caráter festivo.

Conduzindo estas discussões está a vida de Recanati. Um dos principais militantes da JCR, membro da cúpula da organização, tímido e calado, assumiu importantes responsabilidades no movimento de 1968 e nas manifestações dos anos seguintes, dentre as quais pode-se citar a linha de frente dos protestos, o destaque nas assembleias estudantis, o comprometimento com a Liga Comunista e a participação nos atos de 1973 que renderam o fim da organização e a prisão de vários líderes, incluindo ele próprio. Recanati suicida-se em 1981.

O Fundo do Ar é Vermelho (Chris Marker – 1977, 1988, 1993, 1998)

Fagioli (2017) afirma que Marker decidiu realizar *O fundo do ar é vermelho* após o golpe de Estado no Chile e a morte de Salvador Allende em 1973. A proposta inicial era uma produção formada por um arquivo de imagens de 1967 a 1973, período que acabou se estendendo até 1977. São cenas das greves de 1967, de uma viagem à Bolívia, da marcha sobre o Pentágono, de uma entrevista com Fidel Castro, de documentos inéditos de 1968, de imagens e sons clandestinos de Praga, dos Jogos Olímpicos do México, da Guerra do Vietnã, do Chile, do Uruguai, da ditadura brasileira, dentre outras. (FAGIOLI, 2017). O principal argumento utilizado pelo diretor para a retomada destas imagens diz de um desejo de “remontar as cascas, os restos dos filmes militantes para, a partir daí, produzir uma reflexão”, cujo objetivo específico é “perceber as modulações e metamorfoses do tema da revolução no mundo atual – de 1973 – e, particularmente, no que diz respeito aos acontecimentos de maio de 1968 na França”. (FAGIOLI, 2017, p.8-9). Ou seja, desde sua primeira versão, *O fundo do ar é vermelho* já apresenta um processo de retomada do vivido no intento de pensar individual e coletivamente os fatos sob um viés histórico e político.

A montagem de Marker, mais que uma montagem dialética, é formada por outros procedimentos que a dão um toque ensaístico, ainda que engajado. Há uma ampliação no processo de montagem que adia a síntese, em busca do múltiplo. (FAGIOLI, 2017). Esse percorrer de Marker produz um filme de arte e militância que, em alguns momentos, pode ser compreendido como metalinguístico: a militância sobre a militância ou a arte militante sobre a arte militante. Neste caminho, o autor apresenta importantes sequências que, por meio da repetição, reforçam o debate e intensificam as sensações propostas. Fato que pode ser observado, por exemplo, na montagem a seguir (FIGURA 3), por meio da qual um gesto posto em sequência, sob diferentes filtros, anuncia a repetição de uma ação em diversos momentos e espaços históricos.

FIGURA 3 – Sequência de gestos: pessoas lançando objetos em manifestações.
O fundo do ar é vermelho.



Fonte: *O fundo do ar é vermelho* (1998). Organizado pelos autores.

Ao longo de vinte anos, Marker lança quatro versões de *O fundo do ar é vermelho* - 1977, 1988, 1993 e 1998 - caracterizando-o como um filme-processo. A última delas conta com uma hora de duração a menos que a primeira e apresenta um número menor de imagens e maior de narrativas, indicando as transformações no processo reflexivo de Marker. (FAGIOLI, 2017).

O diretor retoma imagens da história, mais especificamente aquelas referentes aos movimentos sociais e revolucionários dos anos 1960 e 1970, não simplesmente para uma reconstrução factual dos acontecimentos do passado, mas para uma investigação interessada no contexto social e político presente. (FAGIOLI, 2017, p. 26).

O filme é composto por duas partes: *Mãos frágeis* e *Mãos cortadas*. A primeira delas começa com a Guerra do Vietnã e diz sobre o fortalecimento do ideal revolucionário e do socialismo. A segunda se inicia com a Primavera de Praga e aborda muitas das questões que surgem para os movimentos de esquerda com os levantes da década de 1960 e com o declínio do socialismo.

Mãos frágeis começa com uma apresentação do contexto da década de 1960, colocando a Guerra do Vietnã como o ponto de

partida para as diversas manifestações que ocuparam parte do mundo, influenciando organizações estudantis e Partidos Comunistas. Da Guerra, uma ponte para Maio, estabelecida por uma fala de Daniel Cohn-Bendit, principal líder do levante francês. E, da França, um encontro com a América Latina, com destaque para os líderes Fidel Castro e Che Guevara, que ocupam posição de destaque ao longo de toda a narrativa. América Latina, Vietnã e China são fundamentais na construção do maio de 68 parisiense. O avanço das influências soviéticas e a disputa declarada entre blocos traz à tona também os conflitos internos franceses.

Em seguida as imagens retratam a noite das barricadas. Elas foram filmadas no calor da manifestação e trazem movimento, velocidade, violência e repressão policial. (FIGURA 4). Vale ressaltar que nos filmes de 1993 e 1998 muitas destas imagens são retiradas e substituídas por uma narrativa de Marker com tom distante e analítico, o que faz pensar sobre o processo de memória e reflexão do diretor.

FIGURA 4 – Repressão policial. *O fundo do ar é vermelho*.



Fonte: *O fundo do ar é vermelho* (1998). Organizado pelos autores.

As mão frágeis são as mãos dos estudantes, em oposição às mãos sofridas dos trabalhadores. (FIGURA 5). Nota-se que Marker diz da distância entre os diferentes Maio que será, posteriormente, categorizada por Badiou (2012). Mãos que colam cartazes, mãos trabalhando, mãos presas, mãos que manipulam armas e outras que tateiam livros. O gesto é fundamental para a montagem de Marker e, nesse momento, elucida as contradições presentes no movimento de 1968. Como complemento à imagem, a narrativa: “Os operários pegarão das mãos frágeis dos estudantes a bandeira da luta”. (BRASIL; FAGIOLI, 2018).

FIGURA 5 – As Mãos de Marker – *O fundo do ar é vermelho*.



Fonte: Fagioli (2017).

Entretanto, mais que isso, há uma crítica profunda em Marker a outra distância: a realidade dos estudantes-manifestantes, suas pautas e estratégias e a pobreza e ao sofrimento presente em países periféricos. Para tanto, o diretor fez uso de uma sobreposição de imagens: o rosto maquiado de uma estudante parisiense e o ferido de um menino negro, africano. (FIGURA 6).

FIGURA 6 – A distância entre a estudante francesa e o menino africano.
O fundo do ar é vermelho.



Fonte: *O fundo do ar é vermelho* (1998). Organizado pelos autores.

Na conclusão aparecem os emblemáticos Lobos de Marker entre tiros disparados por um helicóptero (FIGURA 7). Nas duas últimas versões de *O fundo do ar é vermelho* a exposição desta cena deixa claro que mesmo passados tantos anos, para Marker, ainda há lobos, ou, em outras palavras, ainda há possibilidade de se sublevar, levantar. Nessas retomadas, o filme encerra com a seguinte reflexão do diretor:

Imagine agora que quem fez essa montagem em 1977 de repente tenha a oportunidade de ver essas imagens anos depois. Poderia ser, por exemplo, 1993, 15 anos depois, o espaço de uma juventude, a idade que tinham vários dos heróis desse ano lendário: 1968. Poderíamos meditar sobre esse tempo que passou e medir as mudanças com um instrumento simples, enumerando as palavras que não fariam sentido nos anos 60: Palavras como boat-people, AIDS, tatcherismo, aiatolá, territórios ocupados, Perestroika, coabitação, ou essa sigla que substituiu a URSS e ninguém consegue pronunciar: C.E.I. A poderosa e temida União Soviética deixara de existir. A motivação dessa transição havia sido “Direitos Humanos” e agora era a “economia de mercado”. O terrorismo substituíra o comunismo como encarnação do mal absoluto. Ainda nem se compreendia que em certa época não era tão errado sequestrar o embaixador dos EUA para libertar uma brasileira dos seus carrascos. (O FUNDO, 1998 *apud* FAGIOLI, 2017, p. 49).

FIGURA 7 – Os lobos de Marker. *O fundo do ar é vermelho*.



Fonte: *O fundo do ar é vermelho* (1998). Organizado pelos autores.

3 Os *Quatro Maiores de 68*: uma leitura de Badiou

A França dos anos de 1960 vivia um período conturbado. Durante o governo de De Gaulle, o país passou por uma rápida modernização econômica que alterou substancialmente sua estrutura social. O acelerado crescimento da indústria, gerou investimento em educação de semelhante vetor, principalmente entre 1962 e 1968. De acordo com Badiou (2012), este movimento levou a criação de universidades de massa e “uma ampla fração da pequena burguesia progressista (isto é, tentada a se unir ao proletariado, em razão de sua exclusão do poder) teve acesso

ao ensino superior, exercendo uma pressão cada vez mais forte sobre seu academicismo servil”. (BADIOU, 2012, p.28). Tal fenômeno, diretamente influenciado pelo contexto internacional de levantes (a exemplo da Revolução Cultural Chinesa – 1966 – e da Primavera de Praga – 1968) e pela Guerra do Vietnã (entre 1955 e 1975), representou um dos grandes potenciais que influenciaram o início das manifestações na França.

Em termos gerais, o país encontrava-se em um momento econômico e social favorável que vinha apresentando, como exposto, avanços significativos ao longo dos dez anos anteriores. O intenso fluxo de mobilizações foi uma surpresa, não só para a direita, mas também para parte da esquerda, que não via mais potencial revolucionário nos operários. Entretanto, 1968 se revelou como uma das mais importantes efervescências do século XX. Cabe lembrar que esse processo iniciou alguns anos antes, já em 1966 aconteceu a primeira manifestação em Paris que denunciava a oposição dos estudantes franceses à Guerra do Vietnã. No ano seguinte o estudante Benno Ohnesorg foi morto em Berlim pela polícia alemã e as manifestações germânicas ecoaram na França. Em 1968 houve outro atentado a um estudante alemão, desta vez Rudi Dutschki, ferido com dois tiros na cabeça disparados por um simpatizante da extrema direita (NOBRE; RENA, 2018). A morte de Rudi influenciou diretamente os levantes franceses, como apontado por Goupil. Recanati havia, há pouco, viajado para Berlim onde conhecera o alemão. “De repente o drama, Rudi Dutschki é atingido a tiro por um fascista. Nesse dia, sentimos isso como o assassinato de um dos nossos. Imediatamente, mobilização geral”. (MORRER, 1982).

Observa-se que o contexto internacional influenciou diretamente a eclosão do Maio de 1968 na França. No livro *A hipótese comunista*, Badiou (2012) cita grande parte destes eventos, com ênfase ao movimento chinês. Isso porque Mao Tsé-Tung e o *Livro Vermelho* ocupam lugar de destaque na história da maioria dos conflitos mundiais ocorridos entre as décadas de 1960 e 1970. Marker, por sua vez, traz junto a Revolução Cultural, a Guerra do Vietnã, mostrando a forma como os acontecimentos fora do ocidente passaram a influenciar esta parte do planeta. O diretor aborda ainda a Primavera de Praga que, também datada de 1968, carregava a ilusão de uma transição pacífica de um “regime comunista ortodoxo” para uma social democracia ocidentalizada. O movimento foi reprimido em 20 de agosto quando as tropas do Pacto de Varsóvia

invadiram a capital. Houve ainda levantes em outras regiões do mundo, como na Itália e na América Latina.

Em meio a uma década de pensamentos efervescentes surgiu a possibilidade de criação de uma “nova esquerda”. Uma espécie de alternativa à esquerda tradicional, muito combatida pelo que se entendia da postura dos líderes soviéticos. Tratava-se de um grupo de composição social diversificada que não defendia o pensamento de Marx, nem mesmo se dizia socialista. A possível libertação destas “amarras” dependia, então, de uma mudança de posicionamento não só político, mas também ético-sexual, propondo uma subversão capaz de, ao mesmo tempo, fazer livre a sexualidade e a agressividade reprimidas. Esta nova esquerda via as ruas como o principal espaço de manifestação. Os membros da JCR, por exemplo, eram, em sua maioria, anti-maoísta, anti-stalinista, antifascista e identificados com Trotski, como indicado por Goupil.(FIGURA 8)

FIGURA 8 – Traços comuns a Goupil, Recanati e membros da JCR.

Morrer aos trinta anos.



Fonte: *Morrer aos trinta anos* (1982). Organizado pelos autores.

Dentro do contexto de levantes, o caso francês apresenta alguns pontos específicos e, por vezes, mais complexos. Marker, de acordo com Fagioli (2017), coloca duas importantes questões ao final da primeira parte do filme (*As mãos frágeis*): (i) o quadro francês no período de eclosão da revolução era estável, a França não vivia uma crise econômica, de forma que a insurgência dizia mais de uma crítica à existência social do que a realidade da sociedade naquele momento; (ii) os motivos que levaram a população a se sublevar estavam relacionados a questões globais, não a pontos internos do país. Ainda assim, universidades, escolas, fábricas e ruas foram tomadas por cartazes com dizeres revolucionários e libertários, seja no âmbito social, seja no individual. Marx, Trotski, Pelloutier, dentre outros pensadores, ganharam visibilidade junto a ideias autonomistas

e de contraconduta que buscavam a liberdade dos corpos e das mentes (FIGURA 9).

FIGURA 9 – Cartazes na França de 1968. *O fundo do ar é vermelho*.



Fonte: *O fundo do ar é vermelho* (1998). Organizado pelos autores.

A fala de Daniel Cohn-Bendit apresentada por Marker nas duas últimas versões do filme trata da perspectiva de um dos maiores líderes do movimento a respeito do que havia passado na França naquele momento. Esta fala foi pronunciada dez anos após o Maio e deixa claro que, para Cohn-Bendit, 68 estava morto e que o levante era, na verdade, frágil ou, em outras palavras, uma “utopia revolucionária”.

Salles (2017), questionado sobre sua relação com Maio de 68, aponta que o levante não alcançou suas finalidades primeiras, mas conquistou outras coisas. De acordo com ele, os principais objetivos eram derrubar o Governo de De Gaulle e mudar o sistema, o que não ocorreu. Por outro lado, questões que tangenciavam estas pautas centrais, como é o caso da expansão dos discursos sobre as liberdades individuais – principalmente sexuais – e a relação com a arte, ficaram marcadas. “As pautas que acabaram se impondo, das minorias, das mulheres, da liberdade sexual, não eram explicitamente o que a garotada reivindicava”. (SALLES, 2017).

Maio de 68 foi construído por diferentes grupos e bandeiras, dentre eles artistas, estudantes e operários. Estes últimos se mobilizaram

principalmente devido chegada da recessão mundial à França em 1967. Após o rápido crescimento, as indústrias, principalmente de aço e tecido, se viram marcadas por um momento de estagnação, o que levou a uma ação sindical na capital fortemente reprimida pela polícia. As reivindicações dos operários estavam relacionadas a questões locais e imediatas, como salários mais justos, fim das demissões e defesa dos direitos dos trabalhadores em uma escala mais ampla (NOBRE; RENA, 2018).

As manifestações estudantis, por sua vez, se iniciaram em 1968, na Universidade de Nanterre, recém fundadas por De Gaulle, e tinham como pautas centrais o acesso ampliado à universidade, a melhoria do ensino, a permissão de que homens e mulheres frequentassem os mesmos dormitórios e mais liberdade política e social. Dos fatos importantes que tocam tais manifestações pode-se citar: (i) 22 de março – ocupação do prédio administrativo da Universidade de Nanterre; (ii) 12 de abril - marcha em solidariedade a Rudi Dutschke, em Paris; (iii) 03 de maio – confronto entre policiais e estudantes visando a desocupação do campus que levou a mais de cem discentes feridos; (iv) 10 e 11 de maio – Noite das Barricadas, na qual o Quartier Latin foi tomado por dezenas de milhares de pessoas. (FIGURA 10)

E de repente, numa bela noite de primavera, nessa cidade que na véspera se achava calma e próspera, vimos barricadas, vimos carros em chamas, vimos burgueses nas janelas aplaudindo estudantes e insultando a polícia. Vimos aparecerem inscrições que se tornariam lendárias: “Sob os paralelepípedos, a praia”, “É proibido proibir”. Vimos a polícia perseguir manifestantes até dentro das casas, um prêmio Nobel acusando o ministro da Educação no rádio, e pelo rádio, justamente, toda a cidade e o país acreditaram que sua história estava se fazendo pelos choques ocorridos numa única pequena rua do Quartier Latin. (O FUNDO, 1998, *apud* FAGIOLI, 2017, p. 45).

FIGURA 10 – Noite das Barricadas. *O fundo do ar é vermelho*.



Fonte: *O fundo do ar é vermelho* (1998). Organizado pelos autores.

Goupil narra alguns destes eventos e seus antecedentes em 1968:

2 de fevereiro. Manifestações pela vitória do Vietnã. 7 de fevereiro. Ao lado dos maoístas, contra um comício fascista em Mutualité, vimos as primeiras bombas lacrimogêneas. Éramos convocados para um lado, aparecíamos às centenas noutro. E no 20 de março, uma manifestação organizada pela CVN, ainda mais radical que as outras, porque também ela era semi-clandestina. Ninguém nos passeios um minuto antes. De repente, centena no meio da rua. Uma vitrine partida, bombas de tinta. (...) 1 de maio de 68. A CGT opõe-se à entrada dos estudantes na manifestação. Dei de cara com um estudante da minha antiga célula do PC. Cumprimentei-o. (...) Ainda não éramos os raivosos, mas já os provocadores, os esquerdistas. 2 de maio. A faculdade de Nanterre é encerrada. 3 de março. A Sorbone é fechada. Reencontros no Quartier Latin. 4 de maio, sábado. Reunião de urgência do pessoal dos *liceus* sob a presidência de Michel Recanati. (MORRER, 1982).

Diante deste quadro, no qual grupos distintos de manifestantes tomavam as ruas francesas, uma questão se colocou: como integrar as lutas estudantis e operárias? Em teoria, rechaçava-se a universidade burguesa em busca de uma formação de intelectuais dispostos a lutar conjuntamente com o proletariado e não em vias contrárias ou paralelas e tal convergência deveria ser feita “não através das negociações entre dirigentes sindicais mas na rua, nos confrontos com a polícia”. (BERNARDO, 2008, p. 26). Entretanto, no filme *No Intenso Agora*, Salles indica que houve apenas um encontro entre os dois grupos e esse ocorreu sem que houvesse hibridação de seus membros. As imagens, que não registram cumplicidade, mostram os operários no alto e os estudantes na rua, separados não só pela estrutura de um edifício, mas

também pelas pautas, alianças e ideias que defendiam. Apesar de não ter sido possível a associação total dos movimentos observa-se ajuda mútua em alguns momentos. Os professores e estudantes secundaristas, por exemplo, pararam as práticas formais em grande parte das escolas (liceus) de Paris e ofereceram atividades aos filhos dos grevistas nestes espaços. Até mesmo a polícia aderiu ao movimento em certo momento, lançando uma nota em 13 de maio na qual repreendida o posicionamento de não diálogo adotado por De Gaulle. Em 20 de maio, Paris encontrava-se praticamente parada (NOBRE; RENA, 2018).

O general, aparentemente, não tinha mais controle sobre as manifestações e fez alguns pronunciamentos, nos quais o objetivo era conter o levante, afirmar seu posicionamento, dialogar com o Partido Comunista, com os sindicalistas em geral – destaque para a Confederação Geral do Trabalho (CGT) – e com os apoiadores de George Pompidou (Primeiro Ministro da França no período) e ameaçar os manifestantes com uma forte repressão policial. Em decorrência destas declarações, principalmente as veiculadas pela rádio em 30 de maio, houve uma marcha na qual dezenas de milhares de apoiadores do governo (número de pessoas superior ao atingido em qualquer ato contrário a De Gaulle) foram às ruas, enrolados em bandeiras francesas. Tratava-se de cidadãos de classe média, prefeitos aposentados, pensionistas e outros indignados com o momento do país.

Era o declínio do levante de 1968. Ao conseguirem parte das reivindicações, os operários não mantiveram a mobilização por muito tempo e foram aos poucos esvaziando as assembleias enquanto voltavam às fábricas. Já no início de junho, observou-se o fim dos movimentos grevistas que levou a uma aumento da força do Estado e, conseqüentemente, das repressões. O que pode ser observado por um massacre ocorrido em 11 de junho que resultou em um alto número de feridos e detidos. No dia seguinte as manifestações foram proibidas no país e as universidades ocupadas por policiais. Ainda que o movimento de 68 tenha continuado com muita energia até 1969 e, um pouco menos agitado, até 1978, Goupil anuncia o fim de Maio já nas primeiras semanas de junho de 1968.

Diante deste quadro de manifestações e disputas que compuseram o levante, Badiou (2012) detecta e analisa em *A hipótese comunista* quatro diferentes Maios: (i) o estudantil; (ii) o operário; (iii) o libertário; (iv) o que não terminou em 1968, que serão explicados a seguir.

O autor dedica o início do livro a um debate sobre o fracasso, no qual, pontuando os diversos movimentos que ocorreram no que denomina “década vermelha”, aponta para um momento histórico onde foi levantado o maior número de bandeiras comunistas que se tem notícia, mas que, ao mesmo tempo, determinou o fracasso do que ele entende como ideal comunista.

O fim deste ideal comunista, ou o surgimento de uma nova maneira de pensar o comunismo, tem a França como um de seus expoentes mais relevantes, principalmente por meio do que o autor chama de “nova filosofia”.⁴ O comunismo passou a ser visto como uma utopia fracassada que deveria ceder lugar a uma cultura dos “direito humanos”, na qual exista, ao mesmo tempo, culto à liberdade “e uma representação vitimária do Bem”. Lembrando que o Bem não passa de uma luta contra o Mal e o que é Mal é definido pelo Ocidente. (BADIOU, 2012, p. 7-9)

O que restou do labor dos “novos filósofos”, que nos iluminaram, isto é, emburreceram durante trinta anos? Qual é o último destroço da grande máquina ideológica da liberdade, dos direitos humanos, da democracia, do Ocidente e de seus valores? Tudo isso se reduziu a um simples enunciado negativo, modesto como constatação, nu como uma mão: no século XX, os socialismos, únicas formas concretas da ideia comunista, fracassaram totalmente. Eles próprios tiveram de voltar ao dogma capitalista e desigualitário. Diante do complexo da organização capitalista da produção e do sistema parlamentar de Estado, esse fracasso da Ideia nos deixa sem escolha: devemos aceitar, volens nolens. É por isso, aliás, que hoje devemos salvar os bancos sem confiscá-los, dar milhões aos ricos e nada aos pobres, jogar os nativos contra os operários de origem estrangeira, em resumo, administrar de perto todas as misérias, para que as potências sobrevivam. Não há escolha, escutem o que eu digo! Não que, como admitem nossos ideólogos, a direção da economia e do Estado pela cobiça de uns poucos vigaristas e a propriedade privada desenfreada sejam o Bem absoluto. É que esse é o único caminho possível. Stirner, em sua

⁴ Os “novos filósofos”, ou “filhos de maio de 68”, é um grupo de pensadores franceses da década de 1970, oriundos da extrema esquerda maoísta, repensando os fundamentos deste princípio revolucionário. O grupo formado por pensadores como André Glucksmann, Christian Jambet, Guy Lardreau, Bernard-Henri Lévy e Jean-Paul Dollé, mostrava-se contrário aos pensamentos de Sartre, Nietzsche e Heidegger.

visão anarquista, falava do homem, agente pessoal da História, como “o único e sua propriedade”. Hoje, é “a propriedade como único”. (BADIOU, 2012, p.9).

Badiou (2012) se propõe ao debate sobre o fracasso do comunismo porque ele atingiu direta ou indiretamente o pensamento político dos indivíduos e grupos de direita e também de parte dos de esquerda. No momento em que a repulsa ao comunismo atingiu pensamento da esquerda, ela se tornou ferramenta para o crescimento do neoliberalismo. Isso não só porque o fim de uma hipótese comunista significa também a diminuição da resistência aos ditames do capital, nem apenas porque a fragmentação da esquerda a enfraquece, mas também devido ao fato de que parte desta esquerda emergente atende, em discursos e ações, alguns interesses neoliberais.

Em Maio de 1968, observa-se um movimento de ruptura de parte da esquerda (a maioria que foi as ruas principalmente em meio ao movimento dos estudantes) com o Partido Comunista e com os sindicatos, principalmente o CGT, ou seja, com a “velha esquerda”, em direção à formação de uma “nova esquerda”. Ao analisar este movimento, o que Badiou (2012) pretende é, em certo sentido, semelhante ao proposto por Marker: politizar a história associando o ocorrido no passado e a situação presente. Elucidando o fato de que não trará, em suas análises, respostas fechadas, o autor anuncia um estudo baseado na teoria supracitada de existência dos quatro Maio: “A força, a particularidade do Maio de 1968 francês foi ter entrelaçado, combinado, sobreposto quatro processos que afinal eram bastante heterogêneos”. (BADIOU, 2012, p. 18-19).

O primeiro Maio, o estudantil, pode ser entendido como uma revolta da juventude universitária e secundarista munida de duas principais forças: de um lado a ideologia e o símbolo marxista, representados pela ideia de revolução, de outro, a aceitação da violência anti-repressiva.

De acordo com o autor, este é o Maio mais espetacular, aquele do qual se fala com maior frequência, sendo relacionado, em geral, com força, juventude e rebeldia. Foi o responsável pela maioria das imagens e expressões que vêm a mente dos que pensam sobre o evento, sejam elas de barricadas, manifestações e confrontos com a polícia, sejam de ironia e irreverência como nas frases “abaixo o realismo socialista, viva o surrealismo”; “o álcool mata, tomem LSD”; “a barricada fecha a rua, mas abre a via”; “dez horas de prazer já”; “proibido não colar cartazes”; “trabalhador: você tem 25 anos, mas seu sindicato é de outro século”.

Apesar da supremacia em termos de divulgação e alcance deste primeiro Maio, Badiou (2012) lembra dois fatos importantes a ele referentes. O primeiro diz respeito ao contexto mundial. As imagens de força e repressão não são exclusivas da França, mas se fazem presentes também em outros eventos, como na Primavera de Praga, na Alemanha, no México, na Itália, nos Estados Unidos e em outros. Já o segundo é sobre o percentual de jovens engajados na luta, que significava uma expressiva minoria da juventude francesa. O autor lembra que, nos anos de 1960, apenas 10% a 15% dos jovens completavam o ensino médio naquele país. Ou seja, “quando falamos de ‘universitários e secundaristas’, estamos falando de uma pequena fração da juventude, muito distinta da massa da juventude popular”. (BADIOU, 2012, p.19).

FIGURA 11 – Maio estudantil. *Morrer aos trinta anos*.



Fonte: *Morrer aos trinta anos* (1982). Organizado pelos autores.

O segundo Maio, conhecido como Maio operário, foi construído pelos trabalhadores das indústrias francesas e contou com a maior greve geral da história da França. Foi pautado por termos presentes nos movimentos da esquerda clássica sendo estruturado nas grandes fábricas com apoio dos sindicatos, principalmente do CGT, e ficando conhecido como a “última grande greve da Frente popular”. Entretanto, para Badiou (2012), este Maio apresentou apenas três elementos de radicalidade: (i) o início das greves ocorreu fora das instituições tradicionais, tendo como impulsionadores, em sua maioria, jovens operários ainda não inseridos

nas grandes organizações sindicais; (ii) a ocupação das fábricas foi uma estratégia recorrente do movimento, que, apesar da herança das greves de 1936 e 1947, apareceu de forma mais ampla - quase todas as fábricas foram tomadas por bandeiras vermelhas; (iii) houve, por quase dois anos, sequestros de patrões e confrontos com a polícia.

Ao terceiro Maio, Badiou (2012) dá o nome de Maio Libertário. Ele está relacionado ao primeiro, já que os jovens são seus atores centrais, entretanto, pensando em pautas e antagonismos, apresenta diferenças fundamentais. Suas reivindicações principais estão ligadas às mudanças de costumes, novas formas de relação amorosa, liberdade individual, movimento das mulheres e emancipação homossexual. Este Maio foi formado primordialmente por jovens intelectuais e artistas atuando majoritariamente na esfera da produção artística cultural, criando, assim, uma nova ideia de teatro, uma outra maneira de discursar e se posicionar frente ao público, uma diferente concepção/execução de ação coletiva e transformações intensas na produção cinematográfica. Trata-se também de “um componente particular de Maio de 1968, que podemos chamar de ideológico e que, apesar de cair algumas vezes no anarquismo esnobe e festivo, faz parte do tom geral do evento”. (BADIOU, 2012, p.20).

Badiou (2012) alerta que, apesar dos perceptíveis atravessamentos entre os três Maio apresentados, eles tratam, em seu cerne, de elementos muito diferentes que levaram a conflitos significativos, o que poderíamos chamar de controvérsias. Ainda que inseridos no que se entende por esquerda, o autor anunciou disputas intensas entre a esquerda clássica, o esquerdismo político – essencialmente trotskista e maoista – e o esquerdismo cultural – em sua maioria anarquista. Para o autor, tais contradições deram a 68 um tom de contrariedade que superou uma concepção de “festa unificada”. Algumas dessas disputas são exploradas por Goupil (1983) quando, por exemplo, apresenta os questionamentos e a ruptura de parte significativa dos jovens com o PC e do CGT, elucidando, justamente, o crescimento da “nova esquerda” ou do “esquerdismo” em um caminho diferente do trilhado pela esquerda clássica. O filme expõe, ainda, parte dos jovens articulados com o terceiro Maio, atuando na política por meio da arte e da cultura. Neste sentido, seu amor pelo cinema e a forma do fazer cinematográfico vai se modificando e se politizando ao longo do tempo, reiterando a relevância deste grupo para a configuração do evento de 68 francês. Os trotskistas eram vistos como vanguarda da vanguarda.

Há ainda um quarto Maio, que Badiou (2012) considera fundamental para a compreensão não só do levante, mas de sua relação com o presente, já que, de acordo com o autor, foi determinante para a construção política do futuro. Trata-se do Maio que atravessa os outros três, como uma aproximação, ou, quem sabe, um alinhamento de continuidade. É o mais difícil de se entender dentre os quatro, justamente pelo alongamento temporal e pelos rebuliços políticos que causou até o ano de 1978. “Fala-se dele como ‘década de 1968’, e não como ‘Maio de 1968’”. (BADIOU, 2012, p. 20).

A principal questão relativa à este momento é a transformação da concepção política. A década de 1960 põe fim, de acordo com Badiou (2012), à velha forma de se fazer e pensar política, levando a uma busca desesperada ao longo dos anos 1970/80 por uma nova política. A pergunta que rege o Quarto Maio é: “O que é política?” (BADIOU, 2012, p. 34).

Buscava-se romper com a velha política que atuava sobre todo o campo militante na forma de um ator emancipatório que poderia ser denominado por povo, classe operária ou proletariado. Para Badiou (2012) essa compreensão de um agente específico responsável pela revolução é a principal diferença entre o que se passou antes e depois da década de 1980, compreendendo o Quarto Maio (1968-1978) como fundamental para o rompimento. O autor aponta que, antes deste tempo de transição, havia um entendimento de que o ator revolucionário deveria ser além de uma força objetiva, um ente subjetivo, de maneira que sua existência dependia de organizações específicas que podem ser identificadas como partidos populares. “Essa organização política deve ter evidentemente correspondentes sociais, as organizações de massa, que mergulham nas raízes da realidade social imediata. Essa é toda a questão do lugar do sindicalismo, de sua relação com o partido, do que significa um sindicalismo de luta de classes”. (BADIOU, 2012, p. 34). Ele coloca, ainda, a existência dos sindicatos e movimento sociais como parte desta estrutura, atuando em parceria com os partidos. Esta é, então, o que se entende como composição clássica, ou esquerda clássica, que começa a ter sua estrutura questionada.

Pode-se dizer que o advento de Maio ainda estava imerso num contexto da velha esquerda, principalmente em termos linguísticos, até mesmo por parte daqueles que o questionavam. Entretanto, observa-se apontamentos que foram se intensificando ao longo do tempo, de interrogações acerca do léxico da luta de classes, dos partidos e das

organizações de massa, ainda que se mantivesse a bandeira vermelha como principal símbolo. “Sustento sem nenhuma dificuldade que a unidade de Maio de 1968, para além de suas contradições veementes, foi a bandeira vermelha (...). Por volta do fim do mês de maio de 1968, ela podia ser vista até nas janelas dos apartamentos de uma fração da burguesia”. (BADIOU, 2012, p. 35).

Entretanto, observa-se um desuso de tal símbolo com o término do levante. Neste sentido, Badiou (2012) coloca a quase impossibilidade de, nos dias de hoje, bandeiras vermelhas serem hasteadas. “Maio de 1968 apresenta uma ambiguidade fundamental entre o começo e o fim do uso desta linguagem”. (BADIOU, 2012, p. 35). A década de 1968 foi o momento em que tal símbolo foi se apagando, juntamente com os inúmeros questionamentos levantados sobre a legitimidade das “organizações históricas da esquerda” como os sindicatos, os partidos e líderes políticos, a estrutura dos movimentos sociais e até mesmo a forma como se davam as greves. Observa-se uma aproximação muito grande do movimento de 1968 com as linhas anarquistas e uma crítica profunda à democracia representativa.

Houve enfim, e talvez sobretudo, uma crítica radical da democracia representativa, do quadro parlamentar e eleitoral, da “democracia” em seu sentido institucional, constitucional. E, principalmente, não podemos nos esquecer de que a palavra de ordem final de Maio de 1968 era: “Eleições, armadilha para imbecil!”. E não se tratava de um simples arrebatamento ideológico, havia razões precisas para essa hostilidade contra a democracia representativa. Depois de um mês de uma mobilização estudantil, operária e popular sem precedentes, o governo conseguiu organizar eleições e o resultado foi a Câmara mais reacionária que já se viu! Estava claro para todo mundo que o dispositivo eleitoral não é apenas, e nem mesmo principalmente, um dispositivo de representação: ele é também um dispositivo de repressão dos movimentos, das novidades, das rupturas. (BADIOU, 2012, p. 35-36).

O Quarto Maio de Badiou (2012) é, então, a criação de uma nova concepção política independente da visão clássica. Trata-se, para o autor, de um uso das organizações e símbolos clássicos, pondo fim às próprias instituições, ou conforme a leitura chinesa por ele citada, “a bandeira vermelha contra a bandeira vermelha”.

Se nós, maoistas, chamávamos o Partido Comunista Francês (PCF) e seus satélites de “revisionistas”, é porque pensávamos, como Lenin pensava dos sociais-democratas Bernstein ou Kautsky, que essas organizações transformavam em seu contrário a linguagem marxista que elas aparentemente utilizavam. Ainda não percebíamos que era essa mesma linguagem que precisava ser mudada, dessa vez de maneira afirmativa. (BADIOU, 2012, p. 36).

Citando a própria experiência, Badiou (2012) anuncia a ação transversal exercida pelo Quarto Maio sobre os demais, na tentativa de unir os movimentos, ainda que contraditórios, fora das organizações clássicas, como um “deslocamento cego” que acreditava em um fim dos lugares instituídos. Entretanto se atenta ao fato de que, ainda que compreendido como um potencial gerador de desvios e desaparecimentos, o comunismo necessita de organizações políticas cujas hierarquias não se dão pelos lugares.

O autor finaliza o debate sobre 1968 colocando o presente em relação ao passado, o que significa que, por meio das brechas deixadas, ainda que sob outras estruturas e categorias, questões semelhantes são vivenciadas, ou seja, “*nós temos o mesmo problema*”. (BADIOU, 2012, p. 39 grifo do autor).

Extrapolando a leitura de Badiou, cabe ressaltar alguns pontos fundamentais no que tange o aspecto político, agora não mais ideológico, mas estrutural, que acometeu a França já nas eleições seguintes ao advento de Maio. Elas foram responsáveis pela formação de uma câmara reacionária como o país jamais havia presenciado. Diante do movimento revolucionário observou-se um rearranjo burguês que buscava a manutenção de sua hegemonia frente às classes populares, com as costumeiras rejeição à luta de classes e hostilidade ao povo.

TABELA 1 – Os Quatro Maios de Badiou em *A hipótese comunista* (2012).

Os quatro Maios de Badiou	Principais atores humanos	Pautas centrais	Lugar simbólico
1o Maio - Estudantil	Jovens universitários e secundaristas	Ampliação do acesso à universidade, melhoria do ensino, liberdade política e social	Sorbonne
2o Maio - Operário	Operários das indústrias francesas	Mais nenhuma demissão, aumento salarial e defesa dos direitos dos trabalhadores	Fábricas de automóveis (destaque para Billancourt)
3o Maio - Libertário	Jovens artistas e intelectuais	Liberalização sexual, novas formas de relacionamento amoroso, liberdade individual, emancipação das mulheres e dos homossexuais	Ocupação do Teatro Odéon
4o Maio - Que não acabou (1968 - 1978)	Transversal aos outros três Maios, buscava a participação de todos os atores, ainda que compreendendo suas complexidades	Rearticulação política e rompimento com as velhas estruturas da esquerda	Toda a França

Fonte: Produzido pelos autores.

4 Entre reforma e revolução, o 68 que não acabou

As narrativas de Marker e Goupil e a análise proposta por Badiou (2012) e Fagioli (2017) trazem, dentre as semelhanças pontuadas, uma questão posta aos conflitos supracitados da esquerda: o embate entre reforma e revolução. Este conflito, já presente na formação das quatro Internacionais, assume papel de destaque no que diz respeito ao levante aqui analisado.

O atrito entre comunistas e anarquistas, por exemplo, foi estabelecido em Maio de 68 primordialmente pelas discordâncias entre os militantes do PC e os atores do Terceiro Maio de Badiou (2012) e representadas em *Morrer aos trinta anos* pelos empaces travados entre

Romain Goupil e seu pai. Mas tal conflito é anterior a esta data. Sabe-se que já na Primeira Internacional⁵ (também conhecida como Associação Internacional dos Trabalhadores), criada em 1864, Karl Marx e Mikhail Bakunin protagonizaram algumas discussões, dentre as quais a mais conhecida ocorreu no Congresso de Haia (1872). Tais contendas, somadas aos debates acerca da estrutura centralizadora proposta, foram as principais causas do fim desta Internacional. De acordo com Dantas (2013), Marx e Engels assim como Bakunin nunca acreditaram no Estado como fim em si, mas a questão posta na primeira Internacional Comunista que findou com o rompimento dos dois primeiros com o terceiro é precisamente a disputa sobre o fim do Estado. Para Marx e Engels, a abolição do Estado é o ponto final de uma revolução comunista, enquanto para Bakunin este seria o ponto de partida da mesma revolução.

As dissonâncias internas das Internacionais não foram exclusividade da primeira versão, atingindo todas as demais. A Segunda Internacional (1889-1914),⁶ por exemplo, era formada por diversas correntes partidárias e sindicalistas, entre social democratas e trabalhistas, trazia elementos revolucionários e reformistas, não tendia a um centralismo, como a anterior, e caracterizava-se como uma federação de partidos e grupos autônomos, coordenados por meio de congressos trienais. A ausência de uma centralidade potencializada por posicionamentos divergentes frente à Primeira Guerra Mundial levou à seu fim. Enquanto parte dos membros declararam apoio ao conflito, a outra parcela acreditava que este posicionamento era anti-socialista, o que gerou um rompimento da Internacional. Diante deste quadro, Lenin

⁵ Em 28 de setembro de 1864 ocorreu uma grande reunião pública internacional de operários no St. Martin's Hall de Londres, onde foi fundada a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), posteriormente conhecida como Primeira Internacional. A AIT simbolizava, no período, o centro da cooperação da classe operária na intenção de organizar o movimento e iniciar o internacionalismo.

⁶ Em 1889 surge a Segunda Internacional, conhecida como Internacional Operária e Socialista. Sua fase mais efetiva condiz com um momento de grande dinamismo do sistema capitalista e imperialista, quando as organizações proletárias de massa na Alemanha e na França cresceram com as novas condições materiais da sociedade às quais, naquele momento, o operário tinha mais acesso. Entretanto, a descentralização da organização acabou fazendo com que, muitas vezes, os partidos levassem a cabo desejos próprios em detrimento do que seria uma causa coletiva, o que gerava intensos conflitos.

se dedicou à criação da da Terceira Internacional, conhecida oficialmente como Internacional Comunista.

A Terceira Internacional foi composta por vários Partidos Comunistas do mundo que seguiam as ideias da Primeira Internacional, mas acrescentavam a ela alguns pontos colocados pela segunda. Andavam de acordo com a linha revolucionária marxista e buscavam formação de quadros dirigentes dos partidos comunistas, transformando-os em partidos revolucionários de massa.⁷ Em 19 de janeiro de 1919 foi lançado um manifesto que criava o Comitê Central do Partido, do qual faziam parte, dentre outros, Lênin e Trotski. A formalização desta Internacional ocorreu no dia 03 de março do mesmo ano. Em 1943, a Internacional Comunista foi dissolvida.

Já a Quarta Internacional foi criada por Trotski em 1938, nove anos após ser expulso da antiga União Soviética. Os grupos franceses mais influentes que integravam este movimento fizeram parte, mais tarde, do Maio de 1968, dos quais pode-se citar Liga Comunista Revolucionária, Luta Operária, Voz Operária e o Partido Comunista Internacional, dirigido por Pierre Bousset.

Como foi possível perceber, os debates internos da esquerda estão presentes desde sua composição e se anunciaram ao longo das quatro Internacionais. A questão da reforma e da revolução representa, então, um dos principais pontos que subsidiam tais discussões. Dentre os autores que debatem o tema, Rosa Luxemburgo assumiu posição de

⁷ Os partidos políticos costumam ser divididos em dois grupos de acordo com sua estrutura, organização e objetivos: partidos de massa e partidos de quadro. Os partidos de massa, também conhecidos como partidos militantes, apareceram no último quarto do século XIX, e são, em geral, representados pelos social-democratas e socialistas. Estes partidos carregam forte carga ideológica e atuam por meio de recrutamento massivo, ou seja, o número de integrantes tende a ser mais importante o que quem são estes integrantes. Sua organização interna é bem estruturada e centralizada, apresentando, em geral, burocracia própria, que tende a seguir o modelo organizacional do Estado. A atividade política é constante, com uso, em geral, de formação de base com as massas. Os partidos de quadro, por sua vez, apareceram nos começos da democracia demo-liberal, como é o caso do partido conservador britânico e dos partidos políticos norte-americanos. São formados por um núcleo reduzido, que comporta, em geral, integrantes escolhidos por alguma notoriedade, como alguns intelectuais, por exemplo. Ao contrário dos partidos de massa, sua estrutura interna tende a ser descentralizada, fluida e flexível.

destaque com a publicação, em 1889, do livro *Reforma ou revolução*, em resposta aos atos revisionistas do Partido Social-Democrata Alemão, representado, principalmente, pela figura de Eduard Bernstein. Em termos gerais, o que o partido propunha era a substituição da revolução proletária pela realização de reformas graduais no capitalismo. De acordo com Dantas (2013) esta disputa travada, inicialmente pelos dois autores foi a responsável pela quebra de unidade do pensamento político de Marx e Engels, onde reforma e revolução estavam presentes simultaneamente. “Parece que esta percepção se perdeu ao longo do século passado, dividindo ao meio a luta dos trabalhadores”. Outra questão apontada pelo autor para tal dissidência é o pensamento de Lênin que, somado à Revolução Russa, “subverteu a combinação até então suposta entre reforma e revolução”. (DANTAS, 2013, p. 88).

Luxemburgo e Bernstein vivenciavam a Social Democracia Alemã e as contradições postas pelo contexto entre reforma e revolução. Entretanto, cabe questionar, em um cenário contemporâneo qual a possibilidade real de atuação por meio de alguma das estratégias. É fato que, ao apontar a capacidade adaptativa do sistema capitalista, em um momento em que era impossível pensar as relações pós-fordistas e, mais ainda, as concepções neoliberais, é um entendimento múltiplo da forma como, entre crises e mutabilidades, o capitalismo conseguiu anular grande parte das conquistas reformistas. Entretanto haveria hoje viabilidade para a realização de revoluções? Como os movimentos de resistência pós década de 1960 se enquadrariam no que foi tratado como revolução?

Questões como as acima colocadas são fundamentais para que se pense o contexto de manifestações da década de 1960 e também o ciclo de lutas que se iniciou após a crise mundial do capitalismo de 2008. As disputas reforma vs. revolução, velha vs. nova esquerda ainda estão presentes, mas de que forma elas aparecem? Ideologicamente o que se põe em jogo?

5 Considerações Finais: entre maio de 68 em Paris e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil.

O ano de 2013 no Brasil foi marcado por um dos principais levantes que o país já experimentou. As Jornadas de Junho de 2013 foram, reconhecidamente, um momento de manifestação intensa que

tomou as ruas de quase todo o país. Coincidentemente, os passados cinco anos de tal acontecimento coincidiram com o marco de 50 anos de Maio de 68, o que levou ao surgimento de textos, análises e eventos que realizavam paralelos entre os dois momentos, tal qual a *Mostra 68 e depois*. Muitas questões semelhantes e outras distintas estavam em jogo nos dois momentos, entretanto, especificamente neste artigo cabe a análise sobre as perguntas acima colocadas que evidenciam incômodos referentes aos membros da esquerda.

Antes de começar complexo debate, vale ressaltar que o levante brasileiro estava inserido em um contexto mundial de movimentos, tal qual explicitado em relação ao ocorrido em 1968. No caso do Brasil é preciso reconhecer que eventos como a Primavera Árabe (2010/2011),⁸ o 15M (2011)⁹ e o Occupy Wall Street (2011)¹⁰ exerceram grande influência sobre as manifestações, isso sem contar o levante turco que ocorreu quase simultaneamente, por ventura do anúncio governamental sobre

⁸ As manifestações da Primavera Árabe tiveram início no ano de 2010, na Tunísia, mas já em 2011 se estenderam por vinte países: Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Comores, Djibouti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Marrocos, Mauritânia, Omã, Catar, Síria, Somália e Sudão. O que todos estes territórios têm em comum? A mesma língua e a mesma religião, o islamismo.

⁹ O Movimento 15 de Maio ocorreu na Espanha no ano de 2011 e chamou muita atenção da imprensa internacional. As manifestações se espalharam por mais de cento e setenta cidades espanholas e tiveram como principais territórios praças importantes de Madri (*Puerta del Sol*), Barcelona (*Praça Catalunha*), Sevilha e Valência. Dentre as pautas levantadas pelos jovens estava a demanda por empregos, democracia real e críticas à corrupção. “Quando uma convocatória feita por redes sociais reuniu milhares de pessoas em sessenta cidades espanholas; muitos deles ficaram acampados em praças públicas. Não foram os sindicatos ou partidos que convocaram as manifestações, foram cidadãos”. (GOHN, 2014a, p. 109).

¹⁰ O Movimento Occupy Wall Street ocorreu em Nova Iorque e teve início no dia 17 de setembro de 2011 quando centenas de pessoas se reuniram no Parque Zuccotti, em Manhattan, com o uso de slogans diversos, dos quais dá-se maior destaque ao *Injustiças perpetradas por 1% da população – elites políticas e econômicas afetam os outros 99%, nós – ocupem Wall Street*. Não havia uma pauta clara para o levante, entretanto, tal slogan angariou multidões que criaram uma identidade em torno da crítica ao capitalismo financeiro.

a destruição do Parque Taksim Gezi.¹¹ Tais movimentos apresentam semelhanças importantes entre si, como pautas pouco definidas ou genéricas; questões urbanas aparecendo com destaque tanto no debate quanto nas ocupações propriamente ditas; rápida expansão pelos territórios nacionais que as abrigava; a internet e as redes sociais funcionando como importante plataforma de luta; ausência de lideranças centrais e movimentos clássicos da esquerda (muitas vezes estes grupos se assustaram com a eclosão do levante, se recusaram a participar ou tiveram seus símbolos rechaçados por parte da multidão); e, por fim, acabaram gerando consequências políticas complexas para os seus países.

O mais interessante é que parte significativa dos elementos supracitados esteve, de alguma maneira, também presente em Maio de 68: (i) a indefinição das pautas, táticas e estratégias, trazida pelo filme *Morrer aos trinta anos*, por meio de uma entrevista dada, no período do levante, por Cohn-Bendit na qual ele defende tal abertura como parte de uma ideologia; (FIGURA 12) (ii) a ocupação da cidade que no caso de 1968 tem a particularidade das barricadas; (iii) os conflitos entre as esquerdas e, muitas vezes, a hostilidade do movimento à esquerda clássica; (iv) as consequências políticas que contaram com as eleições mais reacionárias do país e com possíveis reflexos favoráveis ao capitalismo.

¹¹ O levante que tomou a Turquia no ano de 2013 teve como ponto inicial a questão ambiental associada à não demolição do Parque Taksim Gezi. O que se iniciou com esta fagulha, posteriormente tomou todo o território nacional em forma de combate ao governo. O primeiro momento, voltado à manutenção do parque, foi liderado por cinquenta ambientalistas contrário ao corte de seissentas árvores do parque de Istambul que dariam lugar à reconstrução do Quartel Militar Taksim Gezi, demolido em 1940. A repressão policial sofrida pelos manifestantes é um dos motivos principais, narrados pelos ativistas, que justificam a expansão do movimento para grande parte do país e a transferência da pauta para uma luta contra o governo.

FIGURA 12 – Pautas, táticas e estratégias Maio de 1968. *Morrer aos trinta anos*.

Fonte: *Morrer aos trinta anos* (1982). Organizado pelos autores.

Em relação específica às Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, vale ressaltar que a indefinição presente em Maio, por mais de cinquenta anos, já é percebida pelos cinco passados de Junho. O evento é ainda hoje, objeto de especulação por parte de teóricos, militantes e ativistas que não chegaram a um consenso sobre as múltiplas facetas do ocorrido. Entretanto, praticamente não há contradição na leitura de que, seja da natureza que for, as Jornadas de Junho impactaram diretamente o cenário político, econômico e social brasileiro não só no momento da ação, mas também nos anos seguintes.

Em termos gerais as manifestações de Junho são divididas entre a ocupação das ruas por ativistas cuja causa central era a mobilidade pública, norteados pelo Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, seguida de uma rápida expansão do movimento, principalmente com o uso de ferramentas digitais e mídias livres que levou a uma ampliação e indeterminação das pautas e uma virada ideológica por meio da qual observou-se uma maioria de militantes da direita nas ruas se posicionando contra o governo da Presidenta Dilma Rousseff. Em linhas gerais é sabido que esta sequência foi primordial para o Golpe de Estado sofrido pelo país em 2016.

Entretanto, mais que tal sequência, é preciso analisar de forma mais cuidadosa os primeiros momentos do levante, quando a multidão que tomava as ruas se punha, em sua ampla maioria, contra grupos da esquerda clássica. Dizeres como “sem bandeira”, “apartidário”, “apolítico”, foram comuns naquele momento. É difícil saber o que tal situação presente em 1968 e 2013 têm em comum além dos fatos dados, mas é preciso avançar nas investigações.

Como pode-se perceber ao longo deste artigo as disputas políticas vão muito além dos simplificados embates entre direita e esquerda. Formada por uma estrutura complexa, a esquerda apresenta inúmeras controvérsias num sentido tanto ideológico, quanto prático, que influem em todas as suas escalas de atuação. Estas segmentações que, em alguns momentos, se tornam disputas internas, estão presentes na esquerda desde sua origem e se manifestam em distintos momentos.

Pensando tais disputas dentro do quadro político mundial contemporâneo, percebe-se a relevância da compreensão da ascendente divisão entre nova e velha esquerdas, fortalecida com as manifestações de Maio de 1968. Goupil e Badiou anunciam uma continuação deste movimento que se dá após o fim de 1968.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Portanto agradecemos à agência de fomento CAPES, além do CNPQ e Fapemig, assim como à Proex, à Escola de Arquitetura da UFMG e aos parceiros de pesquisa do Grupo Indisciplinar.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Sobre a Revolução*. Tradução de I. Morais. Lisboa: Relógio D'Água. 2001.

BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. São Paulo: Biotempo, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Organização de Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BERNARDO, João. Estudantes e trabalhadores no maio de 68. *Revista Lutas Sociais*, São Paulo, n. 19/20, p. 22-31, 2008.

BRASIL, André; FAGIOLI, Julia. O fundo do ar é vermelho: a subterrânea matéria sensível da história. *Significação*, São Paulo, v. 45, n. 50, p. 79-101, jul-dez. 2018. Doi: ARENDDT, Hannah. *Sobre a Revolução*. Tradução de I. Morais. Lisboa: Relógio D'Água. 2001.

BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. São Paulo: Biotempo, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Organização de Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

BERNARDO, João. Estudantes e trabalhadores no maio de 68. *Revista Lutas Sociais*, São Paulo, n. 19/20, p. 22-31, 2008.

BRASIL, André; FAGIOLI, Julia. O fundo do ar é vermelho: a subterrânea matéria sensível da história. *Significação*, São Paulo, v. 45, n. 50, p. 79-101, jul-dez. 2018.

CANDIOTTO, Cesar. Política, Revolução e insurreição em Michel Foucault. *Revista de Filosofia: Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 223-264, jul./dez. 2013. Doi: <https://doi.org/10.7213/aurora.25.037.DS10>

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Movimentos sociais na era da Internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. *O Planeta doente*. Lisboa: Letra Livre, 2015.

DID-HUBERMAN, Georges (org.). *Levantes*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. 3. ed. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

FAGIOLI, Júlia. O cinema de Chris Marker e o duplo gesto de retomada em *O fundo do ar é vermelho*. *Devires*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 28-51, jan/jun 2015.

FAGIOLI, Júlia. *Por que as imagens se põem a tremer? Militância e montagem em O fundo do ar é vermelho*, de Chris Marker. 2017. 270 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FERNANDES, Florestan. O que é revolução. In: PRADO Jr., Caio; FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000. Cap. 3, p. 55-148.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*, III. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. 2. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

MORRER aos trinta anos. Direção: Romain Goupil. Produtora: MK2 Productions. França, 1982.

CANDIOTTO, Cesar. Política, Revolução e insurreição em Michel Foucault. *Revista de Filosofia: Aurora*, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 223-264, jul./dez. 2013.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Movimentos sociais na era da Internet. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. *O Planeta doente*. Lisboa: Letra Livre, 2015.

DID-HUBERMAN, Georges (org.). *Levantes*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. 3. ed. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

FAGIOLI, Júlia. O cinema de Chris Marker e o duplo gesto de retomada em *O fundo do ar é vermelho*. *Devires*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 28-51, jan/jun 2015.

FAGIOLI, Júlia. *Por que as imagens se põem a tremer? Militância e montagem em O fundo do ar é vermelho*, de Chris Marker. 2017. 270f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FERNANDES, Florestan. O que é revolução. In: PRADO Jr., Caio; FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000. Cap. 3, p. 55-148.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos*, III. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. 2. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2014.

MORRER aos trinta anos. Direção: Romain Goupil. Produtora: MK2 Productions. França: 1982.

NOBRE, Maíra Ramirez; RENA, Natacha Silva Araújo. Das revoluções aos levantes. *Arq.urb*, São Paulo, n. 23, p. 41-63, set-dez. 2018.

O FUNDO do ar é vermelho. Direção: Chris Marker. França: 1998.

Recebido em 5 de junho de 2019

Aprovado em: 3 de setembro de 2019